

Campos da Sistematização

Enfatizamos três campos distintos, mas complementares, que aparecem em nossos processos de sistematização:

- Experiências e práticas vivenciadas em empreendimentos de Economia Solidária.
- Experiências e práticas vivenciadas em organizações do Movimento de Economia Solidária.
- Experiências e práticas de educação em Economia Solidária.

Consideramos importante a escolha de experiências relacionadas com qualquer um desses três campos, pois todas contribuem de fato para a implementação de processos de sistematização coerentes com a missão específica do conjunto da rede de Economia Solidária.



Etapas para sistematizar uma experiência em Economia Solidária

Após a explicitação da concepção e dos referenciais de sistematização assumidos pelos projetos Brasil Local e CFES Nacional, avançamos para o passo a passo do processo de sistematização de uma experiência da Economia Solidária. As várias etapas do caminho que vamos abordar nesta parte do Caderno poderão servir de subsídio também para outras experiências do campo popular.



Consideramos que a sistematização não é mera descrição de experiências, mas uma releitura crítica de uma prática concreta, devidamente contextualizada e capaz de fazer identificar avanços e limites, extrair lições e aprendizagens. Para se chegar a essa releitura, se faz necessário que os(as) principais envolvidas(os) na experiência participem ativamente do processo sistematizador, passando pela construção/reconstrução de uma sistematização.

O caminho para sistematizar uma experiência em economia solidária pode passar por quatro etapas, distintas, mas complementares:

- **Elaborar o plano de sistematização.**
- **Realizar o trabalho de campo.**
- **Realizar o trabalho de interpretação da experiência, construindo e reconstruindo narrativas.**
- **Comunicar e divulgar amplamente a experiência sistematizada.**

Procuraremos, nesta segunda parte, descrever cada uma dessas etapas.



Elaborar o Plano de Sistematização

Aqui se trata de realizar, de forma coletiva – com as pessoas e grupos envolvidos na experiência a ser sistematizada – um breve plano, no qual sejam explicitados vários pontos:

• **A Justificativa:** É o PORQUÊ da sistematização que se pretende fazer ou a importância da sistematização da experiência. É o conjunto das razões de sua necessidade. Ao falar da justificativa, é conveniente fazer também referência a aspectos do contexto em que a experiência está inserida.

Ao explicitar a justificativa, percebe-se, muitas vezes, que é preciso realizar uma ação sensibilizadora no grupo que vivenciou a experiência e junto a outras pessoas e organizações envolvidas, de modo que a decisão de sistematizá-la parta da consciência de sua necessidade e potencialidade, favorecendo a aglutinação do maior número possível de pessoas em torno desse processo.

• **Os objetivos:** Aqui se trata de explicitar o PARA QUE do processo e dos produtos da sistematização. Afinal: o processo e seus produtos deverão servir para quê? Também aqui será oportuno se referir aos aspectos do contexto sócio-econômico-político-cultural e ambiental da experiência: problemas aos quais a experiência tentou dar respostas. Afinal, um dos objetivos da sistematização deverá ser a reapropriação crítica pelos(as) envolvidas(os) nas tentativas de respostas ou enfrentamentos aos desafios posto pelo contexto da experiência.

Em nosso caso, o contexto diz respeito à territorialidade, como parte da estratégia do Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial DSS-T. Esse aspecto ajuda a delimitar e dar o foco. Estamos nos referindo à concepção do DSS-T e à noção de desenvolvimento territorial explicitada em documentos do movimento de economia solidária e sempre recorrente nas ações de articulação do CFES e do Brasil Local.

• **A concepção de sistematização pela qual se fez a opção:** Nessa parte do plano, precisamos responder qual o significado e importância atribuímos à sistematização? É assim que fizemos no 1º capítulo deste Caderno. A leitura das fontes inspiradoras para a sistematização contribuem para essa elaboração.

• **A escolha dos eixos temáticos da experiência que se pretende sistematizar:** Um exemplo disso é a escolha feita pelo projeto Brasil Local ao definir dois eixos para todas as experiências às quais foram realizadas sistematizações. Um eixo se refere aos impactos sociais do projeto Brasil Local, relacionados com a busca de mudanças na vida das pessoas envolvidas. O segundo eixo refere-se ao papel desempenhado pelos Agentes de Desenvolvimento Solidário (ADS). Nesse sentido, o projeto Brasil Local buscou identificar nas experiências da economia solidária as mudanças tanto individuais quanto coletivas que estão relacionadas com as mudanças no território em que a experiência se localiza.

• **Como será feito o trabalho de campo:** Nesse ponto é importante apresentar como se pretende fazer para encontrar as informações para reconstruir a experiência e responder às questões postas no início do processo de sistematização. Aqui se trata de planejar o trabalho de campo e as condições favoráveis ao processo de interpretação da experiência selecionada.

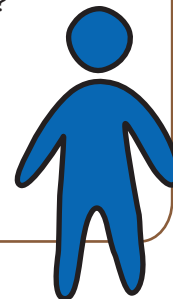
Algumas perguntas podem ajudar:

- Quais pessoas ficarão responsáveis pela animação do plano de sistematização?
- Quais pessoas ou grupos serão convocados para dar contribuições no processo de sistematização?
- Que atividades serão realizadas para resgatar os fatos e suas interpretações: articulações, reuniões, oficinas, visitas?
- Quais são as datas, prazos e responsáveis para cada atividade?
- Quais metodologias serão utilizadas nas atividades previstas (instrumentos e ferramentas participativas, perguntas provocadoras e orientadoras...)?
- Como será feito o levantamento do que já existe sobre a experiência que se deseja sistematizar (textos, livros)?

Roteiro de questões elaborado pelo projeto Brasil Local para a sistematização de experiências de Economia Solidária



- Quando e onde a experiência começou?
- Quais os principais aspectos do contexto no qual a experiência está situada? Quais questões ou problemas merecem ser destacados nos aspectos socioambiental, econômico, político e cultural do contexto, de modo que se compreenda melhor a contribuição da experiência?
- Quais foram os principais atores sociais e parceiros envolvidos?
- Houve mudanças importantes na vida das pessoas envolvidas? Quais? Por que são consideradas importantes?
- Como agiram os agentes de economia solidária? Contribuíram no desenvolvimento da experiência? Como?
- O que merece ser destacado como relevante na experiência? Tem algo que parece inovador nessa experiência? Por quê?
- Que aportes críticos podemos incorporar, na avaliação da experiência, com a contribuição de assessores(as) e parceiros(as) oriundos(as) de várias áreas de conhecimento (economia, pedagogia, ecologia, antropologia, política...)?
- O que essa experiência apresenta enquanto potencial de efeito multiplicador para outras experiências?
- Quais as principais dificuldades e fragilidades que identificamos na experiência, considerando os objetivos iniciais, seu desenvolvimento e os resultados alcançados? Quais fatores causaram as fragilidades?
 - Que cuidados deveriam ser tomados para enfrentar e superar os limites identificados?
 - Que orientações a experiência sugere para outras experiências de economia solidária?
 - Como tem sido a relação dessa experiência com as políticas públicas territoriais e/ou nacionais? Houve articulação? Quais dificuldades foram enfrentadas? Que avanços foram alcançados?



- Comunicação e divulgação da experiência sistematizada: Identificar com o grupo para quem se pretende socializar a experiência sistematizada os instrumentos que serão usados para fazer circular o produto final da sistematização (vídeo, livro, caderno, cordel...) e os custos correspondentes.

Uma vez elaborado o plano da sistematização, inicia-se a próxima etapa: o trabalho de campo.

Realizar o trabalho de campo

Trabalho de campo quer dizer que devemos “entrar em campo” para colocar em prática o que está previsto no planejamento em relação à coleta de informações, opiniões e sentimentos das pessoas e grupos envolvidos na experiência. Para isso:

- Resgataremos todos os dados, registros e informações existentes sobre o contexto e a trajetória da experiência, desde seu início, enfatizando sua evolução. Para essa coleta, poderão ser feitas visitas “de campo” e entrevistas a famílias, pessoas e grupos em seu lugar de moradia ou trabalho, tendo formulado previamente um roteiro de perguntas e questões.
- Procuraremos garantir a escuta de várias “vozes”, isto é, das pessoas que possam de fato contribuir para juntar e ordenar os “pedaços” da experiência. Costuma-se chamar isso de “polifonia”, isto é, a escuta de “muitas vozes”.
- Realizaremos atividades com o coletivo de pessoas e/ou grupos responsáveis pelo resgate e compartilhamento das vivências e conteúdos da experiência. Poderemos fazer reuniões, oficinas, conversas virtuais, rodas de conversas, entrevistas e outras iniciativas...

Cuidados importantes no trabalho de campo

É preciso tomar um cuidado especial com o **método de colher e registrar dados**.

A gravação de um grande número de entrevistas pode ser, por exemplo, muito interessante. Mas antes de proceder à utilização do gravador, será oportuno avaliar:

- As pessoas entrevistadas não se sentirão inibidas ao falar em frente ao gravador?
- Depois das entrevistas, teremos condições de transcrever tudo o que gravamos?
- Teremos tempo suficiente para fazer todo esse trabalho?

É importante **garantir bons registros** de informações que possam servir na sistematização de uma experiência. Para isso, são necessárias anotações acerca de dados do contexto socioambiental, econômico, político e cultural, bem como da caminhada da experiência, da contribuição de pessoas e grupos envolvidos, das distintas leituras interpretativas, de impactos alcançados, fragilidades e avanços, lições extraídas, projeção de novas estratégias...

Contudo, essa garantia não significa que se deva armazenar uma **quantidade exagerada de registros**, correndo-se o risco de que uma parte deles não seja utilizada. Afinal, ao fazer as anotações, será conveniente se perguntar o que realmente vale a pena anotar.

Na seleção de informações, é bom lançar mão de **dados primários e secundários**. Ambos são úteis. Contudo, o desafio é ponderar em que medida tornam-se necessários diante do que queremos priorizar em nossa sistematização:

- **Os dados primários** são aqueles que podem ser obtidos em nossa observação direta ou por meio de entrevistas que fazemos com pessoas e grupos envolvidos ou, ainda, pela reflexão coletiva ou individual sobre a experiência.
- **Os dados secundários** são extraídos de pesquisas, análises ou estudos feitos por outras pessoas ou instituições que se debruçaram anteriormente sobre o contexto ou aspectos específicos relacionados com a experiência a ser sistematizada. Afinal, antes de realizar longas pesquisas, é bom procurar o que foi escrito ou produzido anteriormente. Será oportuno se perguntar: o que vamos priorizar de tudo aquilo que é preexistente?

Quando tiverem sido coletadas todas as informações necessárias, por meio do trabalho de campo, estarão criadas as condições adequadas para se passar a outra etapa: a interpretação da experiência. Procuraremos detalhar, a seguir, esse novo passo.

Para refletir e debater em grupo:



- Quais os cuidados necessários para se assegurar bons registros no decorrer do trabalho de campo?
- Como se pode assegurar, no trabalho de campo, as diferentes visões e vozes dos(as) envolvidos(as) na experiência?

Interpretar a experiência: construindo e reconstruindo narrativas

Para se fazer a sistematização de uma experiência, é fundamental elaborar coletivamente uma **narrativa** que expresse:

- Os principais dados da experiência coletados no trabalho de campo.
- E sua interpretação ou reapropriação crítica, pelas(os) envolvidos(as).

Para a obtenção de uma satisfatória narrativa final da sistematização, são necessários pelo menos dois cuidados que destacamos a seguir:

Passagem dos registros para a 1ª narrativa

Nessa etapa, trata-se de selecionar e aprimorar as informações registradas, considerando a necessidade de explicitar três principais componentes da narrativa a ser construída:

- O contexto em que a experiência se desenvolveu [o espaço/território]. Aqui deve-se buscar inserir somente as informações que sejam suficientes para a compreensão da experiência. Não é necessário fazer demoradas análises do contexto.
- A descrição da caminhada da experiência, em seu passo a passo, evidenciando principais atores e atrizes, articulações e parceiros(as) envolvidos(as), mudanças ocorridas e impactos alcançados ou que se buscou favorecer. Aqui o desafio será reconstruir a evolução da experiência, seus passos mais importantes, deixando de lado os detalhes excessivos.
- A análise interpretativa da experiência, com sua dimensão avaliativo-projetiva. Aqui é conveniente identificar principais avanços, dificuldades e limites, lições aprendidas e orientações projetadas pelos envolvidos(as), para a continuidade ou efeito multiplicador da experiência. Nesse terceiro componente, o cuidado maior deverá ser com a escuta dos(as) principais envolvidos(as), seus sentimentos, opiniões, visões e aprendizados. Contudo, é importante considerar – também aqui – a “polifonia” dos demais participantes ou colaboradores(as) da experiência, isto é, as múltiplas vozes – como dizíamos acima – que estiveram presentes na caminhada da experiência ou nessa fase de reflexão crítica sobre ela, com suas análises e interpretações.

Na polifonia, as diferentes percepções deverão ser bem trabalhadas, de modo que se possa:

1. Identificar ou construir a percepção mais consensual e diferenciar aquelas complementares, bem como outras que o grupo não quiser assumir coletivamente.
2. Dimensionar – novamente – o que se pretende realmente sistematizar, incluindo interpretações diferenciadas sobre um mesmo fato.

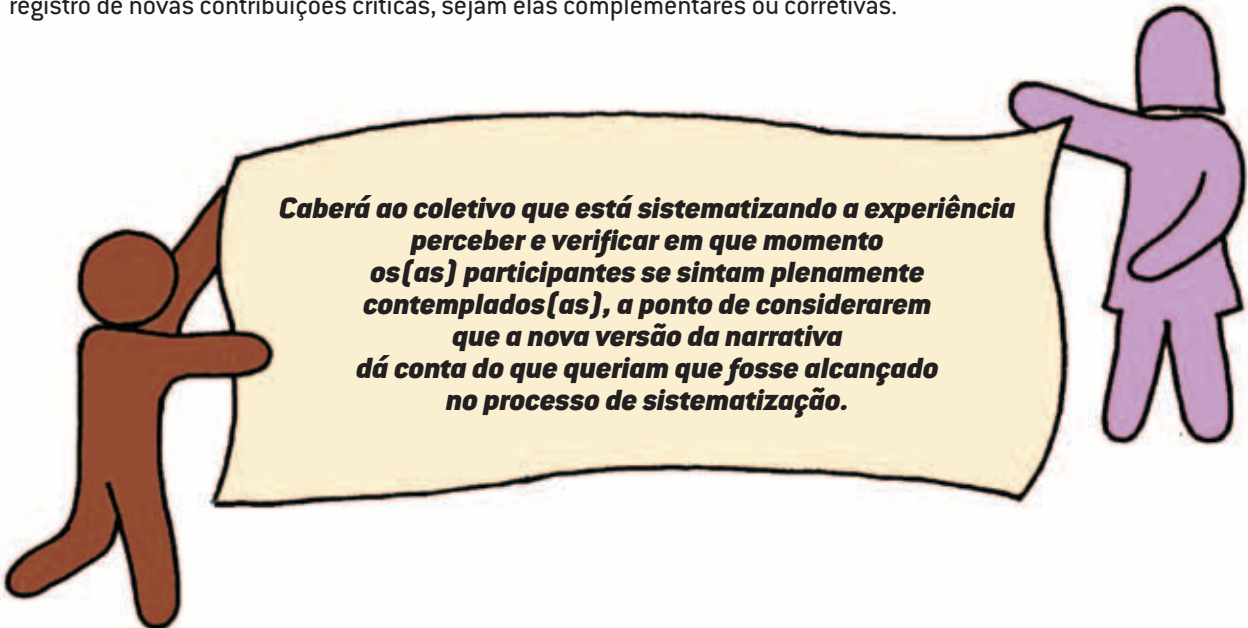
Toda essa busca assume uma dimensão político-pedagógica. Será oportuno, por isso, ter sempre como referência a identidade do grupo que está sistematizando a experiência e desenvolver um paciente exercício de construção coletiva.

O processo de produção de várias narrativas

Após o trabalho de campo, no decorrer das primeiras socializações orais da experiência, em reuniões ou oficinas, será conveniente escolher e encarregar algumas pessoas para anotar as múltiplas falas: de quem a vivenciou; de quem está ajudando a refletir sobre ela, apesar de não ter se envolvido diretamente; de quem vivenciou experiências semelhantes; de assessores(as) e parceiros(as) que deram aportes relacionados com várias áreas do conhecimento humano.

Assim, depois de reuniões ou oficinas, as anotações e registros poderão ser transformados em narrativa. Cada narrativa será socializada e aprimorada em outra reunião ou oficina. A partir daí, a narrativa será aprimorada novamente e gerará uma segunda ou uma terceira versão. Isso poderá acontecer várias vezes. A tendência é que cada narrativa seja melhor do que a anterior.

Não existe uma receita que defina quantas narrativas são necessárias para se chegar àquela que possa ser considerada conclusiva. O segredo é fazer a revisão e a reflexão coletiva sobre cada narrativa, procurando inserir ajustes por meio do registro de novas contribuições críticas, sejam elas complementares ou corretivas.



Caberá ao coletivo que está sistematizando a experiência perceber e verificar em que momento os(as) participantes se sintam plenamente contemplados(as), a ponto de considerarem que a nova versão da narrativa dá conta do que queriam que fosse alcançado no processo de sistematização.

Nessa busca para se produzir uma narrativa cada vez mais aprimorada, até se alcançar consensos progressivamente mais amplos, deverão ser considerados também eventuais prazos predeterminados. Tais prazos poderão interferir no número de versões preliminares a serem produzidas antes que se chegue à narrativa final.

Uma vez que se tenha elaborado a narrativa conclusiva, só faltará a última etapa: a comunicação e divulgação. É isso que vamos ver a seguir.

Comunicar e divulgar amplamente a experiência sistematizada

A comunicação da experiência faz parte integrante do processo de sistematização. Isso quer dizer que nenhum grupo ou organização sistematiza apenas para si. Desde o início do processo, deverá estar bem enfatizada a intencionalidade de publicizar a experiência, para que ela se difunda, circule, gere debate, troca de saberes e várias formas de intercâmbio.

Um desafio é que a sistematização seja socializada e divulgada da forma mais ampla possível, priorizando pessoas e grupos que estejam afinados com os ideais e as práticas de quem vivenciou diretamente a experiência. Para isso, é preciso definir bem a modalidade da comunicação do produto final da sistematização. Esta definição dependerá das decisões tomadas ao elaborar o Plano Inicial:

- Para quem se direciona a sistematização da experiência?
- O que queremos alcançar ao publicarmos nossa sistematização?
- A quem se destina o produto de nossa sistematização?
- Pretendemos divulgar mais a Economia Solidária? Como?
- Desejamos fortalecer os processos formativos internos? Como?
- Temos enquanto propósito alcançar maior incidência em políticas públicas?

Fica evidente que essas questões deveriam ter sido levantadas e respondidas por ocasião do planejamento do processo de sistematização. Contudo, se for necessário, podem ser retomadas e aprofundadas na hora do detalhamento relativo à forma da comunicação da experiência sistematizada.

Dar respostas às perguntas acima mencionadas dependerá também da linguagem a ser usada e do acesso que se tem à tecnologia de comunicação que seja considerada mais apropriada e viável. Igualmente deve ser considerada a disponibilidade de recursos financeiros para o processo de sistematização. Entre as possibilidades, podem ser usados os mais variados formatos de comunicação:

- Vídeo
- Panfleto
- Manual didático
- Almanaque
- Revista
- Caderno, no formato tradicional ou com “fichas soltas”
- Peça teatral
- Cartilha ou livro
- Mostra fotográfica
- Spots de rádio, com entrevistas e reportagens
- Poema
- Cordel
- Música
- Página na internet
- Iconografia, desenhos ou outras formas de comunicação visual, sobretudo para públicos que não acessam ainda à cultura letrada.

A escolha de um ou outro formato dependerá sempre dos objetivos e do público definidos no plano inicial da sistematização. O formato da comunicação deverá sempre considerar: linguagem, cultura e tipo de necessidades do público ao qual se destina o produto.

Apresentamos nesta parte do Caderno as quatro etapas do processo de sistematização. A próxima etapa pretende ser mais um subsídio, trazendo instrumentos ou ferramentas de apoio para cada um dos passos da sistematização.

Instrumentos e ferramentas de apoio para a sistematização de experiências

É conveniente usar – oportunamente – as ferramentas mais adequadas, que possam contribuir nos vários momentos ou etapas da sistematização.

É bom lembrar que existem muitas ferramentas. Apesar de serem utilizadas para outras finalidades – diagnósticos, pesquisas, planejamentos, monitoramentos, avaliações –, se revelam muito úteis na sistematização, fazendo as devidas adequações, em um ou em outro momento do processo. Algumas delas vêm sendo adotadas na prática dos CFES e nas experiências participantes do projeto Brasil Local, tendo sido “experimentadas” em oficinas vivenciadas em âmbito regional ou nacional.

Nessa terceira parte do Caderno, destacaremos algumas:

- Linha do Tempo.
- Mapa Mental ou de Ideias.
- Planilhas ou Quadros Demonstrativos.
- Mapas Territoriais.
- Entrevista Semiestruturada.
- Diário de Campo.

Mas existem muitas outras. O principal desafio é o de conhecer o significado e o funcionamento de cada um de tais instrumentos. A partir desse prévio conhecimento, será possível descobrir também como cada qual pode ser utilizado e os cuidados para seu uso adequado em cada processo de sistematização. Recomendamos que as ferramentas sejam selecionadas de acordo com o objetivo específico de cada momento do processo sistematizador, lançando mão de uma boa dose de criatividade.



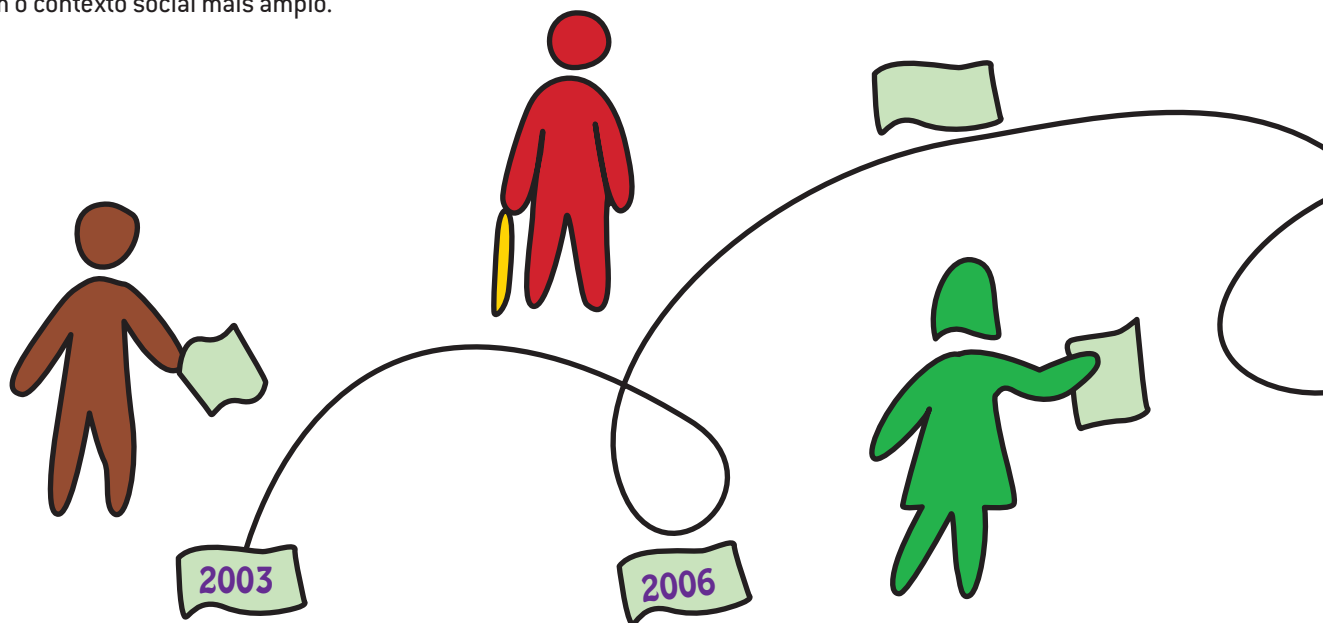
Linha do tempo

A linha do tempo surgiu como um instrumento didático muito utilizado no estudo da História para favorecer a visualização da sucessão de fatos e processos históricos que se quisesse focalizar, assim como de sua extensão no tempo. Aos poucos, passou a assumir variações metodológicas e de visualização, se tornando instrumento de reconstrução da trajetória de qualquer experiência vivenciada. Assim, pode ser útil também para se reconstituir a caminhada de uma experiência de economia solidária e de seu contexto. Essa reconstituição é fundamental no processo de sistematização. Sem fazer isso, ficará mais difícil realizar a reapropriação crítica do que tenha sido vivenciado.

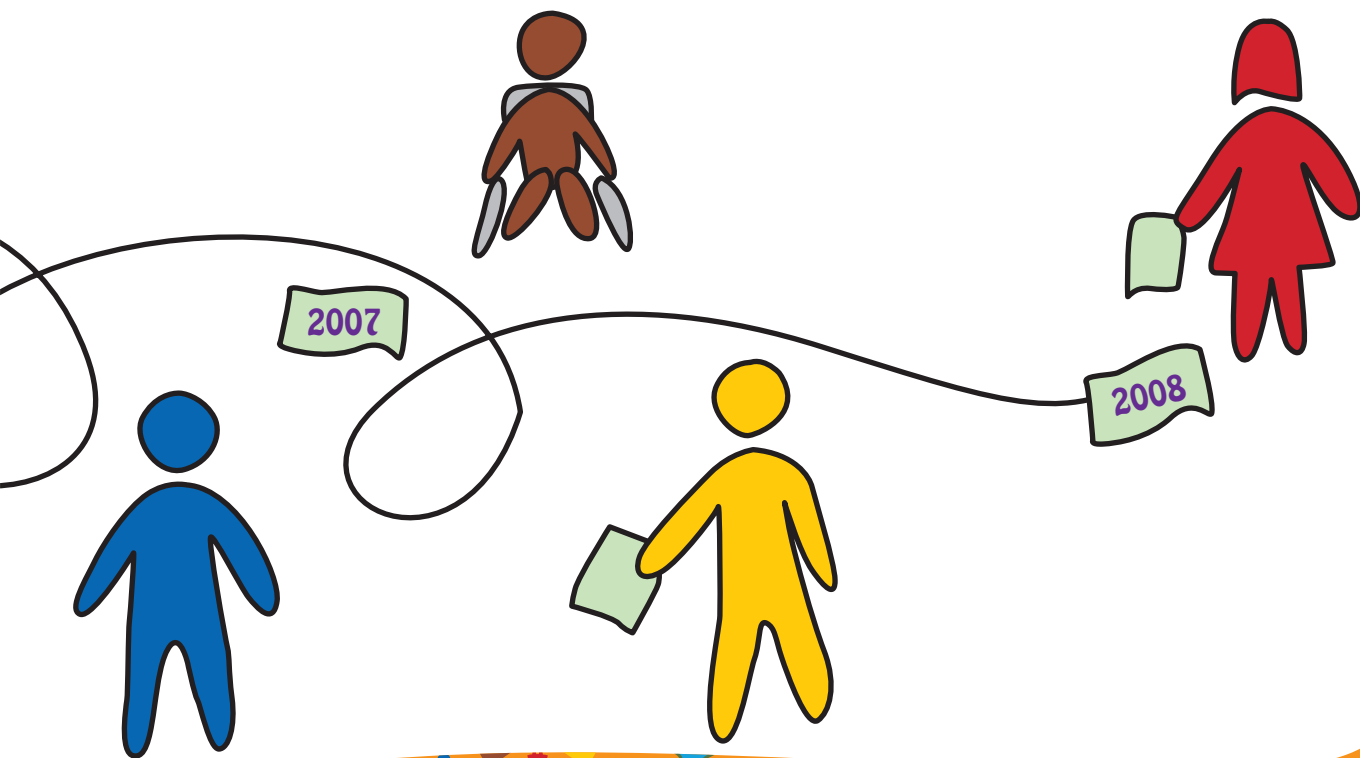
A expressão “Linha do Tempo” pode sugerir uma visão meramente linear da história, mas não é nessa ótica que a percebemos. Sabemos que a história humana – bem como aquela de uma experiência concreta de Economia Solidária – não é linear, não caminha sempre na mesma linha ou direção. Pelo contrário: qualquer experiência passa por altos e baixos, avanços e retrocessos, conquistas e derrotas. Afinal, usando a expressão “linha do tempo”, queremos nos referir ao conjunto de métodos que podem contribuir para reconstituir uma experiência que se pretenda sistematizar.

A Linha do Tempo ajudará muito, à medida em que mantiver e obedecer alguns princípios e orientações metodológicas, fazendo as devidas adequações. Com essa finalidade, ressaltaremos, a seguir, algumas orientações de maior peso:

- É importante estabelecer uma periodização, que favoreça uma boa compreensão para o grupo que vivenciou a experiência e busca sistematizá-la. Isso é particularmente necessário quando se trata de uma experiência que durou muitos anos. Será importante identificar períodos da história da experiência. Essa periodização dependerá da compreensão e interpretação acerca do itinerário ou caminho dessa ou daquela experiência, bem como de sua relação com o contexto social mais amplo.



- É conveniente discernir “texto e contexto: o “texto” é o desenrolar da própria experiência. O “contexto” é o espaço mais amplo, local, territorial, regional ou nacional, no qual a experiência se desenvolveu. Será preciso também ter o cuidado para que não se perca o foco da experiência, isto é, o eixo temático que se pretende focalizar e desenvolver. A descrição do “contexto” não poderá jamais ser mais ampla do que o “texto” e o foco que tenha sido selecionado inicialmente.
- É indispensável a capacidade de relacionar fatos e processos, o “ontem” com o “hoje” da experiência, refletindo criticamente sobre ela, extraindo lições e projetando novas estratégias.
- É recomendável o uso de métodos de visualização considerados mais adequados às possibilidades e ao imaginário do grupo que sistematiza sua própria experiência. Isso não significa, necessariamente, o desenho linear de uma cronologia. Pode-se usar métodos e imagens diversas: o trem, como aquele criado pelo CFES Sul; o desenho de montanhas, no qual os altos e baixos poderão melhor expressar o “caminho irregular” da experiência vivenciada; o desenho de um rio, que poderá retratar o caminho tortuoso de outra experiência a ser reconstituída. E assim por diante. Em cada imagem ou desenho, haverá sempre a possibilidade de sinalizar algum tipo de periodização e a dimensão cronológica da experiência, para se ter a visualização de sua trajetória. As imagens que estamos sugerindo remetem ao uso de outra ferramenta, que veremos mais adiante: a iconografia. Essa ferramenta apresenta ricas possibilidades de visualização, não somente para a periodização e cronologia da experiência, mas também para outros aspectos.
- É importante adotar a pedagogia da construção coletiva de uma Linha do Tempo, seja qual for a visualização escolhida e projetada. Isso facilitará a reapropriação crítica da experiência, pelo grupo, enquanto sujeito coletivo que a tenha vivenciado, de modo que ele redescubra e fortaleça sua identidade, reprojetoando seu futuro e gerando, dessa forma, novos conhecimentos e saberes.



O Mapa de Ideias ou Mapa Mental

Pode ser um ótimo instrumento para se projetar as perguntas provocadoras – conforme previsto no método de Oscar Jara – ou para proceder à montagem do plano de um processo de sistematização, com respectivos objetivos, objeto, metodologia, cronograma e produto final.

O Mapa de Ideias ou, como é mais conhecido, Mapa Mental, é uma preciosa ferramenta de aprendizagem e apresentação de acúmulos de conhecimentos ou organização de um debate. Essa ferramenta favorece a **sistematização e visualização das conexões e inter-relações entre ideias e conceitos**.

Nossa mente não trabalha de forma linear; ela funciona em **formato “radiante”**, pois dispara informações e ideias para todos os lados. É por isso que o Mapa Mental se chama assim. O criador do Mapa Mental foi o inglês Tony Buzan, que pesquisou as anotações de vários gênios, entre os quais Leonardo da Vinci, e descobriu que **nenhum deles fazia anotações lineares**.

Para que serve um Mapa Mental?

O Mapa Mental é muito útil para se fazer sistematizações mais rápidas, durante ou depois de uma discussão, possibilitando uma boa apropriação dos principais aspectos abordados. Após sua elaboração, poderá ser transcrito ou impresso sem nenhuma alteração ou transformado em texto mais explicativo e detalhado.

As principais características de um Mapa Mental

Em geral, busca-se construir Mapas Mentais com pouco texto, muitas imagens e cores, seguindo a lógica de causa-efeito, focalizando e visualizando ideias centrais, mas favorecendo, ao mesmo tempo, a compreensão e localização de aspectos secundários relacionados com os principais.

Em muitas ocasiões, não se dispõe de suficiente tempo e de instrumentos de apoio (pincéis coloridos, quadro branco grande...). Além disso, acontece com frequência que a urgência da cobrança desse instrumento – no decorrer de um encontro ou oficina – acaba impondo a utilização de muitas palavras, poucas imagens e apenas uma cor. Isso não é certamente o ideal, mas apenas o que foi possível fazer naquela ocasião.

Mesmo reconhecendo esses limites, o mais importante é assegurar o principal requisito de um mapa: a capacidade de focar e visualizar ideias centrais, suas conexões internas, com aspectos secundários, não só a partir da lógica de causa-efeito, mas também tendo como referência outras categorias de análise e compreensão conceitual.



Como construir um Mapa Mental

Para a construção de um bom Mapa Mental, é necessário seguir algumas orientações, por mais simples que possam parecer:

- **Escrever do centro para fora:** escreva as informações a partir do centro de uma folha de papel ou de um quadro branco. No centro, deve-se escrever o título do Mapa Mental. É do título que saem as demais informações escritas, sempre fazendo conexões entre tudo que se escreve.

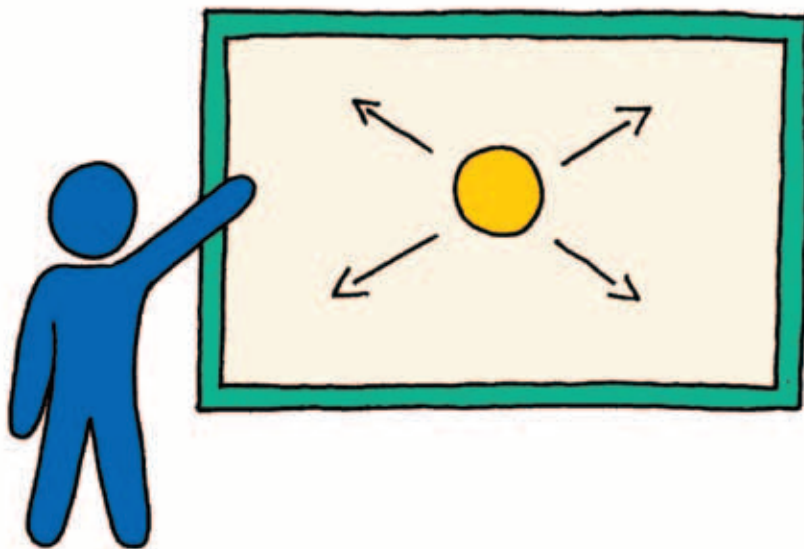
- **Usar, na medida do possível, apenas palavras-chave:** escrever o que é realmente mais importante. A escolha das palavras-chave deve ser bem pensada, pois elas deverão resumir questões bem mais abrangentes do que uma simples palavra possa normalmente conseguir expressar.

- **Usar imagens e símbolos:** as imagens valem mais do que muitas palavras, pois cada imagem favorece maior compreensão, ilustrando melhor as ideias. Não é preciso ser bom desenhista ou pintor, basta rabiscar ou inventar a imagem que lembre a ideia: uma garrafa, uma bola, um sol, círculos concêntricos, uma casa, uma seta, uma interrogação.

- **Escrever de forma bem legível:** não estamos escrevendo apenas para nós mesmos, mas para sermos compreendidos por outras pessoas. É bom sempre se lembrar disso. Esse lembrete implicará em muitos cuidados, inclusive naqueles relacionados com a escolha do tamanho da letra, da “arte gráfica final”, assim como outros aspectos.

- **Fazer todas as conexões:** ter o cuidado para não deixar nada isolado. Estabelecer sempre relações. Às vezes, não sabemos bem com quais relações estamos lidando, mas ao escrever as coisas ficam mais claras. Se for preciso, apague o que escreveu no começo e recomece de novo. O pensamento da gente não é linear: ele avança, recua, faz saltos, depois vai de lado.

- **Usar cores, de modo que apareçam as diferenças entre as palavras:** as palavras não assumem sempre o mesmo peso e significado. As cores e o tamanho das letras podem ajudar a fazer essas diferenças. Um mapa colorido será certamente mais fácil de ser interpretado.



Para fazer em grupo



- Construir uma Linha do Tempo sobre a participação de cada integrante do grupo na Economia Solidária, identificando o momento e o fato que o(a) levaram a ingressar na Economia Solidária. Criar uma periodização para a linha a partir das datas apresentadas por cada pessoa.
- Construir o Mapa Mental das ferramentas apresentadas neste Caderno, explicitando os cuidados principais para cada uma delas.